

1 de agosto de 2022 nº 10

Tatuí, SP

jornal

BULI

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





Sumário

No frescor da hora

4 **As onças estão soltas**
Tadeu Renato

Fermentação natural

7 **Entre a denúncia e a poesia:
memória, apagamento e identidade**
Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí

9 **Quem bate paó na esquina na vida
não anda só**
*Adriana Miranda, Aguida Aguiar, Aruã Lua
Ciurcio, Diego Robertto, Lia Benacon,
Victor Motta*

13 **Para quem estamos fazendo teatro?**
Maria Preta

14 **Além dos sentidos**
Édipo Rei

Crônica do dia seguinte

16 **No tempo da escuta do canto do pássaro**
Renata Correa

17 **Invasão...**
Vitor dos Santos Pires

18

Fe feminae

Giullya Nahirniak

Ainda reverbera

20

Doce

Mayra Guanaes

22

Duas Amarelas

Lilian Ayumi

Expediente

24

As onças estão soltas

Tadeu Renato

apreciação do espetáculo *Antes do tempo existir*
a partir do painel conduzido pelo VQV
Lígia Helena de Almeida, Hideki Okutani e Thais Póvoa

Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar.
Ailton Krenak, em *Ideia para adiar o fim o fim do mundo*

A pandemia de Covid-19 que tomou de assalto o planeta, provando a necessidade de um isolamento social, matou milhões de pessoas, sempre atacando as vias respiratórias. Ao que se sabe até o momento, o coronavírus teria chegado ao ser humano através do consumo de carne infectada de um animal que, talvez, não fosse comum em nossa alimentação. Ou seja, a intervenção humana que vem provocando uma crise ambiental nunca registrada é a causa da doença que tira nosso ar. Segundo culturas ameríndias e africanas (e mesmo as tradições judaico-cristãs) o ar que emitimos é nossa própria alma, de maneira que o falar é uma expressão dessa força, o verbo vira carne. É em tal contexto que artistas se reuniram para a criação do espetáculo *Antes do Tempo Existir*, partindo da pergunta: ainda podemos negociar com o vento?

Convocado a subir ao palco e assistir a peça em uma espacialidade de corredor, o público adentra um ritual onde dois ventiladores apontados para o teto fazem flutuar um tecido que parece estar pesando sobre o palco. Duas atrizes indígenas e uma não indígena caminham pelo espaço, preparam os elementos, dançam. A duração dos acontecimentos é estendida, é a experiência de um tempo sem contagem, um tempo constantemente presente. A narrativa sobre uma mulher que deu à luz a tudo que existe é contada em português e em outras línguas indígenas. Não há uma tradução: é a palavra encantada, a palavra que abre portas para outras percepções de realidade, outros pontos de vista. Assistimos e escutamos em cena o conceito ameríndio do perspectivismo, nos perguntando: como a onça entende o mundo? Como as árvores dão sentido a suas realidades? Quais histórias as águas contam? As mulheres constroem imagens, fazem brotar florestas, movimentam o vento para espantar a chuva.

no frescor da hora

Compartilho uma memória pessoal: a primeira vez que fui a uma área da floresta amazônica, supunha um território de calmaria e sons de baixa frequência, principalmente à noite. Para meu espanto, a floresta é um tumulto quando escurece, assembleia de vozes trançando idiomas. Em *Antes do tempo existir*, caixas de som reverberam ao vivo o que é dito no microfone; o DJ, presente no palco, realiza suas experiências no momento em que a fala acontece, inserindo novas camadas de sons, cantos da floresta, ecos ancestrais; assim como a floresta, um conjunto de muitas informações sonoras vão compondo a peça.

A relação é, a todo instante, algo que perpassa a encenação: o público está próximo, as atrizes entregam galhos para algumas pessoas – um convite para manter a floresta em pé. A presença de corpos indígenas coloca em evidência a pequenez de nossos horizontes ao desconhecermos esses povos, a ponto de uma mulher na plateia confundir as duas com mulheres coreanas. Presença que avisa de um vácuo em nossa memória coletiva. Um homem filmou a todo instante o espetáculo, mesmo quando a luz apagava o registro em sua tela, como se tivesse medo de esquecer a experiência e a vivesse pelo duplo da câmera. Por ironia, há um momento do espetáculo em que uma onça faz o mesmo, fotografando o público.

O espetáculo é uma obra coletiva e aberta, que sofre transformações sempre que artistas diferentes se inserem no processo. Trabalho que é celebração como luta contra tantas tragédias, uma festa de cores e sons para evitar que o céu desabe de vez sobre nós.

*Esse texto contou com a
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



fermentação natural

Entre a denúncia e a poesia: memória, apagamento e identidade

por Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí

Apreciação de Panfleto Maria

Vemos um palco italiano despido. As cortinas escancaradas revelam um cenário com poucos elementos. À esquerda do palco, um piano de cauda. Ao fundo, projeções contra a parede branca. Ocupando esse espaço, as corpas e corpos em contraste de cores e origens (re)existem enquanto povos negros, indígenas, transsexuais e amarelos. Vivências dissidentes agem, cantam, gritam. É a partir da distribuição desses elementos pela cena e da pulsão de vida que emana das atrizes e atores em cada narrativa apresentada, que a Turma 72 da Escola de Arte Dramática (EAD-USP) compartilha conosco seu exercício cênico - como bem afirmaram suas/seus integrantes no painel de intercâmbio entre os grupos - intitulado Panfleto Maria.

Um trabalho que, a nosso ver, conjuga denúncia e poesia, traz à tona memórias e apagamentos. Coloca em evidência identidades que constituem não apenas cada estudante que ali se apresenta, como também a própria plateia que partilha desse encontro. Fato que se fez notar tanto na conversa pós-apresentação, quanto nas trocas de palavras pelos corredores do festival - quando então rememorávamos imagens, palavras, sensações e compreensões que nos haviam sido disparadas.

fermentação natural

É também na cena do piano, acima citada, que se evidencia um elemento presente em todo o trabalho: as oposições. Ao comparar o piano com um tambor, nasce um novo lugar de identificação e expressão, uma espécie de alteração de sentido, na medida em que essas imagens são justapostas e o som gerado pelo piano passa a ser associado à percussividade presente no tambor. Nessa rearticulação de significados, novos pertencimentos são descobertos através do encontro com a ancestralidade.

Seja pelos títulos das cenas, pelo que se oferece em cada uma delas, pelas palavras de Conceição Evaristo proferidas no último quadro, o que se constata é um estreitamento da relação entre espectadores(as) e atrizes e atores. Afinal, evoca-se uma memória que se faz particular e coletiva ao mesmo tempo, escancarando a continuidade das violências e apagamentos históricos. Por essa razão, não seria insensato dizer que em *Panfleto Maria* temos nossas feridas abertas enquanto somos abraçades e acolhides. Nele, revisitamos nossas cicatrizes enquanto um povo colonizado que reconhece em suas raízes a possibilidade de um levante.

fermentação natural

Quem bate paó na esquina na vida não anda só

por Adriana Miranda, Aguida Aguiar,
Aruã Lua Ciurcio, Diego Robertto,
Lia Benacon, Victor Motta

Apreciação do espetáculo Maria Preta

*Exu Ionan
Modile lodê elegbara
legbara mirè Exu ona kewa ô*

No princípio, era o verbo:

L A R O Y Ê

E o verbo se fez carne...

carne, corpo, sangue, som e voz.

Antes da porta do espaço onde se realiza a
cena/rito se abrir, os caminhos em **MARIA PRETA** já
estavam abertos.

(a n t e s do espetáculo)

No princípio, era:

NA RUA UMA ENCRUZILHADA, atrizes e atores de dois
grupos se

ENCONTRAM,

DESEJOS DE BONS VENTOS ou, como se diz no
teatro

MERDA !!!

aquilombamento.

Os signos do que se seguiria já se apresentava ali.
PRIMEIRO SINAL

(segundo sinal)

fermentação natural

Na frente da sala, **FOLHAS DE CUCA ESPALHADAS PELO CHÃO, UM CACHORRO NA PORTA** que não foi convidado mas, **AINDA ASSIM, ESTAVA LÁ:**

i n s i s t e n t e .

(Ogum?)

ENQUANTO OGUM TÁ NA PORTA, EXU TÁ NA SALA.

Uma **ESPADA DE STA BÁRBARA ASSENTADA NA PORTA**, um áudio que se repete em lopping explicitando a história de uma Maria. **SÓ QUÊ PRETA.**

No áudio:

“aluguel de chão, o aumento sem contrato”

O negro no Brasil foi **DESTERRADO**. Aqui o Coletivo propõe devolver para **MARIA PRETA** a terra que nunca foi dela, mas que ela ajudou a construir:

NO CENTRO UM TRONCO (f u n d a m e n t o), UM ATABAQUE, UM GAN. UM ATOR PREPARANDO O TERRENO: a r a n d o a t e r r a .

TERCEIRO SINAL :

E o verbo se fez carne.

ESSE ATOR, espécie de ponto fixo na cena, **ASSIM COMO A TERRA** do cenário, **SE FEZ CHÃO PARA A ATRIZ, COM A ATRIZ.**

Já no princípio do **EXERCÍCIO DE VERBALIZAR AS HISTÓRIAS ANCESTRAIS, A ATRIZ TRAZ, NO CORPO, ANCESTRALIDADE... NAS VOZES** uma qualidade técnica de saltar os olhos, a pesquisa de linguagem explícita a versatilidade e as diversas potencialidades da atriz. O jogo de **OLHAR ENTRE** os dois atores **SUSTENTA A NARRATIVA**, triangulando com o público que, a t e n t o, expecta cada próximo momento, nos convidando pra sentir de dentro da cena, juntas.

UMA INTERRUPÇÃO

a i n d a é u m a c e n a ?

NO ANTIGO SALÃO DO JÚRI, A ATRIZ PEDE JUSTIÇA. RETOMA O ESPAÇO CÊNICO, TANTO NA ARQUITETURA COMO TRANSFORMANDO O LOCAL QUÊ, a n t e s, VESTÍBULO DE CONDENAÇÃO, a g o r a, NO MOMENTO DA CENA E AINDA DEPOIS DELA, ESPAÇO DE COMPARTILHAMENTO DE UMA HISTÓRIA QUE FOGE DO ROTEIRO, CLAMANDO PELA LIBERDADE DE SEU TIO PRESO INJUSTAMENTE.

é u m a c e n a

fermentação natural

XANGÔ

**NINGUÉM MAIS TOCA NO MEU CORPO.
NINGUÉM MAIS TOCA NOS NOSSOS CORPOS.**

**É NECESSÁRIO CRIAR NOVAS COSMOGONIAS,
RADICALIZAR O VERBO.**

Em **MARIA PRETA** vemos os signos do **CANDOMBLÉ, EVOCANDO A MAGIA ANCÉSTRAL.** No fim, o palco com terra parece pequeno, pois não se trata somente da **PRESENÇA MATERIAL** da atriz e do ator, **JUCIMARA CANTEIRO E VITOR PIRES**, e sim de **TODA UMA FALANGE QUE DE ALGUMA FORMA SE PRESENTIFICA EM CENA.**

**MARIA PRETA
EXU
OGUM
OXOSSI
OSSAIN
XANGÔ
OYÁ**

PRESENTES!



Para quem estamos fazendo teatro?

por *Maria Preta*
Apreciação do espetáculo Édipo Rei

No início da peça Édipo Rei - da Escola Sérgio Mamberti, de São José dos Campos - assim que a cortina se abre, o público se depara com um coletivo ocupando o palco em que corpos se ocultam pela nebulosidade, mas revelam-se pelos sons metálicos de latões, que depois são ressignificados através de objetos cênicos.

O grupo traz a estética cyberpunk (inspirados em *mad max* e jogos de videogame) com a pretensão de atrair o público mais jovem. Entretanto, esse desejo não se realiza, pois há um descolamento/tensão, não bem elaborado, entre a visualidade e a narrativa. Para o espectador fica uma expectativa não cumprida. As questões visuais poderiam melhor servir de instrumento para potencializar, sublinhar, dizer nas entrelinhas sem precisar, necessariamente, mudar o texto original.

O coro chama a atenção enquanto trabalho coletivo. É possível perceber através dele uma sintonia entre as atrizes e os atores. A questão que fica é: para onde se lançam esses corpos desejanter a partir de agora? Segundo o grupo, a apresentação no 27º FETESP marca o fim do processo. Mas para nós, na verdade, esse fim diz muito mais respeito aos inícios.

Talvez, agora fosse o momento de experimentar uma outra oralidade “quebrando as palavras do texto, explorando as sonoridades e os corpos possíveis”, onde talvez faça mais sentido a estética cyberpunk que é proposta.

Além dos sentidos

por Édipo Rei

*Apreciação do espetáculo
Kitembo - entre nascédouros e poentes*

O espetáculo *Kitembo - entre nascédouros e poentes*, da Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí, traz, de forma fluida e bonita, a história e um relato de ancestralidade e conexão com a natureza. Com um trabalho de inclusão de populações historicamente desassistidas, é contada a história do nascimento de duas meninas e a força de uma mãe.

Iniciando com uma performance musical ao som de tambores, o grupo apresenta uma estética simples, porém eficiente. A escolha do grupo é por utilizar seus corpos no espaço cênico vazio, o que possibilita a tais grupos participar de modo efetivo da construção da experiência teatral. Para isso, utiliza-se do contraste entre o fundo branco e as vestimentas coloridas que preenchem o ambiente, dando a elas outras funções narrativas.

Já com o grupo todo no palco, fica clara a diversidade e inclusão que será abordada durante o espetáculo, com atores e atrizes de corpos dissidentes e com deficiências visuais e motoras. Logo, a peça conseguiu - através de uma linguagem complexa, devido ao estudo ainda pouco explorado acerca das LIBRAS e audiodescrições, porém simples, mas não simplista - promover um impacto visual e um estado reflexivo. A experiência cênica, ao valer-se destas ferramentas acopladas ao enredo, traz o público, tanto adulto quanto infantil, para a ideia principal da peça, a ancestralidade e conexão. Com uma trama emocionante e sensível, o espetáculo conseguiu envolver seu elenco diverso de maneira coesa, onde as pessoas com deficiência estavam completamente integradas ao resto do coletivo.

Assim, fica clara a importância da obra para o momento atual no qual vivemos, onde a inclusão e o resgate da ancestralidade promovem o entendimento do nosso presente e do futuro, principalmente, em relação às comunidades que são constantemente marginalizadas pela sociedade.

fermentação natural

Ademais, a apresentação para o público infantil, ou seja, o futuro do mundo, se torna extremamente necessária para a reflexão de como tratamos aqueles diferentes de nós que não seguem um padrão imposto pelo sistema, seja por raça, cor, etnia ou deficiência.

crônica do dia seguinte

No tempo da escuta do canto do pássaro

Renata Correa

*2º ano Curso Teatro Adulto
Conservatório de Tatuí*

Dia 01/08/2022 hoje, eu, Renata, provavelmente já sofri mutações desde o momento em que escrevi esse texto.

Difícil expressar apenas o hoje, quando os ontens me fizeram encarar e reconhecer meus antes e novos “eus”, que revelam o essencial sobre quem realmente sou.

Acordo em êxtase, o mesmo de 19 dias atrás, estive/estou nas entranhas da engrenagem de um sonho, de um FESTIVAL, festivo, cortejo, data de relevância, evento de transformação.

Domingo, Tatuí, Setor de Artes Cênicas, tudo bem mais íntimo do que era no início dessa jornada, até me vem LAR na cabeça, mas, as experiências vividas nos últimos dias dizem muito mais sobre voar do que sobre ficar.

E então, anoiteceu. Três mulheres - Andreia Duarte, Lilly Baniwa e Rosa Peixoto - e criaturas que os olhos não podem enxergar nos transcenderam para outra dimensão, outra frequência. Fomos levados - e falo pelo coletivo com propriedade - para o nosso instante de origem, para a festa que a vida representa, ou deveria representar.

Pureza no olhar, dança cósmica, origem, terra, placenta, habitar o tempo, ritual, linguagem, família, relação.

Tudo começa no tempo da escuta do canto do pássaro.

Por fim, trago palavras de Aruã, "Nesta língua não existem palavras para o que aconteceu aqui."

Invasão...

Vitor dos Santos Pires

Coletivo F22 e Maria Preta
Escola livre de Teatro de Santo André

Por que insistimos em negar a nossa história?

Corpos marginalizados desde o início da invasão. Devemos falar sobre os povos que habitam essa terra, os povos que nasceram aqui.

O apagamento é proposital, é pensado e esquematizado.

Por que insistimos em seguir uma lógica e padrão imposto por invasores?

Corpos distintos invadiram Tatuí, mas não foi uma invasão violenta, foi uma invasão poética. Corpos distintos falando sobre suas histórias, narrando e desmistificando a narrativa que nos foi imposta. Grupos contando histórias distintas, mas que narram um mesmo apagamento. Povos pretos, amarelos e indígenas são pessoas reais, elas existem e resistem, precisamos falar sobre as nossas origens, sobre a origem do povo nativo desta terra. Devemos ter respeito por aqueles e aquelas que sempre estiveram aqui.

Povos que sempre habitaram este território e que não são reconhecidos, são vistos como estrangeiros.

Um povo que não conhece a sua própria cultura é um povo que não pertence a lugar algum.

crônica do dia seguinte

Fe feminae

Giullya Nahirniak

Formação 22

Escola livre de Teatro de Santo André

*iaiá óia a onça, na ponta da areia,
a onça lhe pega e arranca as orelha
Rojão do povo Kariri-Xocó*

No princípio era mulher, e mulher era verbo e a mulher era deus.

Fe feminae.

Um grito de mulher tempo ecoou no antes de tudo e criou espaço.

Duas mulheres onças dançam uma dança secreta. A floresta ensinou.

Três mulheres sorrindo em silêncio pode ser o prenúncio de um outro mundo. Ou o fim deste se decidissem nunca mais engravidar.

O homem teme o poder da mulher como teme a onça. O homem enjaula a onça.

Fe feminae.

Voamos.

A mulher pássaro ensinou.

Antes do tempo existir não havia nada.

Mulher é tempo.

Primeira Mãe.

Mulher tronco.

Mulher árvore.

Mulher pássaro.

Mas também pode ser mosca, também pode ser cachoeira, também pode ser cobra, também pode ser vento.

crônica do dia seguinte

A mulher aprendeu a dança cósmica ouvindo o som de dentro.

Mulher é tempo.

Fe feminae.

Mas também pode ser onça.

A onça sabe: onde tem gente pisando tem bicho morrendo.

Gente não sabe que ela sabe, mas ela sabe.

A vó sabe espantar chuva quando também sabe ser vento.

Honremos nossas mulheres, honremos nossas avós.

Fe feminae.

A mulher tronco nos cantou.

Doce

Mayra Guanaes

*Cia. Sobrecéus
ETEC de Artes*

O Curso Técnico de Teatro da ETEC de Artes ainda não é muito conhecido, talvez seja porque estamos na periferia. Em 2020, em meio à pandemia, sonhamos em fazer teatro presencialmente e criamos a Cia. Sobrecéus para continuar nosso desenvolvimento nas artes cênicas e também estimular o fortalecimento do nosso curso. A nossa pesquisa é pensada a partir do nosso próprio território, mas em junho de 2022 decidimos que era o momento de conhecermos além e, assim, enviamos a nossa inscrição para o 27º FETESP que acontece em Tatuí.

Nós nunca tínhamos ido tão longe. A Cia. Sobrecéus é um coletivo diverso em gênero, raça, idade e formação, composto por quem já estudou ou ainda estuda no Curso Técnico de Teatro da ETEC de Artes. Parte de nós está vivendo suas primeiras experiências em teatro, e essa foi a primeira vez que o grupo apresentou um processo de criação para um público que não fosse a própria ETEC de Artes. Por isso, cada membro do grupo levou em sua mochila um punhadinho de expectativas que vimos ao longo da semana, tornando-se reais. Nessa travessia sentimos um frescor diferente.

Foi a primeira vez que o grupo esteve tão próximo, convivendo tão intensamente, fazendo tudo junto na mesma rotina, organizando a apresentação da nossa peça Crônica n.1, tomando café da manhã, almoçando, jantando, dormindo, assistindo outras peças, fazendo oficina, apreciando, debatendo, andando pelas ruas de Tatuí, escrevendo, estudando, lendo, tirando foto, bebendo, escutando música, dialogando, trocando, indo a uma festinha, dançando forró. Com brilho no olhar, aprendemos muitas coisas no 27º FETESP, sobretudo, a potência da presença e da coletividade.

O 27º FETESP foi para nós um aconchego. O que era longe, tornou-se muito próximo! Nós da Cia. Sobrecéus, que nos juntamos ainda distantes pelas telas, nos perguntamos muitas vezes se um dia viveríamos isso, um teatro que sonhamos.

ainda reverbera

E chegamos até aqui. Pulsando. Foi possível apresentar a nossa peça para uma plateia cheia e conversar sobre o nosso trabalho.

É difícil esquecer a sensação que fica inscrita em nossos corpos na primeira vez em que experimentamos uma coisa nova. O 27º FETESP estava com o mesmo gosto daquela tubaína que nós bebemos logo quando chegamos na rodoviária de Tatuí.

Duas Amarelas

Lilian Ayumi

*Cia. Sobrecéus
ETEC de Artes*

Nesta última semana participei do 27º FETESP em que todos os dias tive experiências novas, atividades diversas para todos poderem aproveitar: residências artísticas, oficinas de temas variados e apresentações teatrais - além de debates abertos entre o público e artistas. Foram tantas coisas para fazer no meu primeiro festival que muitas vezes fiquei em dúvida sobre o que deveria fazer primeiro.

Durante a semana do festival, eu estava explorando a vida, pouco a pouco descobrindo as possibilidades de me reconectar comigo mesma, em busca de caminhos para entender as pessoas de várias cidades, culturas, origens, saberes, vivências e experiências, mas principalmente de etnias distintas. Na quarta-feira vi outra que não era eu mesma, uma outra pessoa com as características semelhantes às minhas, me identifico no mesmo momento, sinto que estou viva, que não sou a única aqui presente, não estou sozinha no evento. Participamos de uma das atividades do festival juntas, mas ainda não tivemos um contato mais direto para conversar.

No dia seguinte, fui tomar o meu café da manhã no hotel, depois de uma caminhada de manhã cedo na cidade de Tatuí. Entrei no espaço, peguei um prato aquecido e comecei a ver as opções nas mesas recheadas de comida para degustar tranquilamente. De repente, sinto uma mão tocar no meu ombro esquerdo e escuto "Bom dia". Viro o rosto lentamente e olho para quem estava falando comigo. Naquele momento pude ver os olhos parecidos com os meus, a cor do cabelo, a mesma cultura e origem, a mesma descendência com que eu nasci.

Como retribuição, falei "Olá, bom dia" timidamente, olhando para a pessoa. Tive o sentimento e a sensação de estar perto de alguém que sempre desejei por perto, essa energia de estar em casa, mas uma casa diferente, uma casa acolhedora com um calor inesquecível e calma. Ao mesmo tempo, a sensação de estar presente naquele local foi pulsando aos poucos e quando reparei estava em ação.

ainda reverbera

Eu perguntei discretamente "Podemos conversar mais tarde?", e ela respondeu prontamente, uma resposta que esperei por muito tempo: "Sim, podemos nos falar". Quando nos entreolhamos, parecia que tínhamos o mesmo pensamento. Sensações pulsavam em nossos corações. A resposta que gostaria de ter escutado a minha vida toda. Não foi um sim qualquer, mas a percepção de ter algo a mais nesse sim, algo como um pedido, um cuidado, uma troca a partir das semelhanças que são despercebidas na sociedade, as pessoas amarelas.

Para mim, naquele momento aconteceu algo único, especial e só nosso. Surgiu uma oportunidade para quebrar todas as barreiras, entender esse espaço-tempo tão distante da minha realidade e abrir uma outra porta para um lugar possível em nosso mundo. Em um festival com dezessete grupos estudantis, estávamos ali ocupando o teatro como as duas únicas amarelas.



Expediente

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Arte gráfica

Luiza Lorenzetti

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Textos

Tadeu Renato

Cia. de Teatro do Conservatório de Tatuí

Adriana Miranda, Aguida Aguiar, Aruã Lua Ciurcio, Diego

Robertto, Lia Benacon, Victor Motta

Maria Preta

Édipo Rei

Renata Correa

Vitor dos Santos Pires

Giullya Nahirniak

Mayra Guanaes

Lilian Ayumi

Colaboradores(as)

Arielle Barbosa [bolsista estagiária em Produção Cênica]

Camila Barbagallo

Camila Alomba

Colaborador convidado

[Organizador da seção Fermentação Natural]

Judson Cabral

Fotógrafo

João Maria

Leia também a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatui

**Esta publicação foi atualizada em 01/08 às 23h21*